

Cláudia Elisabeth Ramos

Nas Trevas

Amizade Vampiresca

1ª Edição

Edição do Autor
Viamão – 2025

Nas trevas – Amizade Vampíresca

Cláudia Elisabeth Ramos

opyright © 2025 by Cláudia Elisabeth Ramos
PROIBIDA A VENDA DESSE EXEMPLAR
FORA DO TERRITÓRIO NACIONAL

Impresso no Brasil
Ilustração da Capa: Cláudia Elisabeth Ramos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Ramos, Cláudia Elisabeth.

R183a Amizade Vampiresca / Cláudia Elisabeth Ramos. – Viamão, RS:
Ed. do Autor, 2025.

152 p. : 16 x 23 cm – (Nas Trevas; v. 1)

ISBN 978-65-01-31053-4

1. Ficção brasileira. 2. Literatura brasileira – Romance. I. Título.
II. Série.

CDD B869.3

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Nas trevas – Amizade Vampíresca

Cláudia Elisabeth Ramos

Cláudia Elisabeth Ramos

Nas Trevas

Amizade Vampiresca

Nas trevas – Amizade Vampíresca

Sumário

Prólogo	09
Capítulo 1 – Um Amigo Vampiro	13
Capítulo 2 – O Sequestro	59
Capítulo 3 – O Resgate	75
Capítulo 4 – Prisioneiros.....	101
Capítulo 5 – O Ataque dos Vampiros	121
Epílogo – Luta.....	138

Nas trevas – Amizade Vampíresca

Prólogo

Mateus era um jovem roqueiro de 19 anos, branco, de cabelos negros, olhos castanhos. Era o vocalista da banda “Spectro”. Como a maioria dos roqueiros, vestia uma calça jeans preta e uma camiseta preta com uma estampa de um monstro assustado. Terminava de ter assistido o ensaio de outra banda de rock pesado em que os roqueiros mordiam animais em pleno palco, sugando o sangue de pombos, carneiros e cabritos de forma sanguinária e assustadora.

Matheus e sua banda tinham ensaiado a pouco, num show com rock pesado e estridente, porém sem sangue. Apenas música forte, alta, de ritmo louco. O grupo saiu da plateia rindo em deboche. Enquanto eles iam em direção aos camarins do teatro ao qual estavam, por um corredor, após descenderem uma estreita escadaria para baixo do palco, conversavam:

Nas trevas – Amizade Vampiresca

– Os caras são muito loucos dessa banda – dizia Matheus.

– O que eu gosto de ver são os efeitos – dizia Perez, o baterista, um rapaz de 18 anos, branco, de cabelos castanhos e olhos verdes.

– Cara, não era efeito. Eles mataram aqueles bichos – falava o baixista Laerte, o único afrodescendente do grupo.

– Era truque, eles não mataram nada – falava o guitarrista Samuel, 21 anos, branco, cabelos louros e olhos castanhos. – Amanhã no show vai ser a mesma coisa.

– Não sei não – continuou Laerte. – eu fiz carinho nos bichos quando estavam nas gaiolas.

– Mas amanhã somos nós que vamos arrasar – completou Matheus chegando à porta de seu camarim.

Diante a ela estavam um senhor idoso, porém vestindo uma calça justa de jeans azul, uma camiseta verde e um colete de couro. Apesar de seu rosto enrugado, tinha os cabelos até os ombros pintados de negro. Era branco,

magricelo e tinha os olhos pintados por lápis delineador negro.

Matheus passou por ele e sorriu, entrando no camarim:

– E aí – gritou, fazendo um sinal típico de roqueiros com as mãos, erguendo o dedo mindinho e o indicador enquanto encolhia os outros dedos.

– E aí – repetiu o velho o mesmo sinal, e seguiu o garoto.

O garoto foi logo se sentando diante ao espelho e começando a tirar a maquiagem pesada de seu rosto, enquanto o velho sentava-se numa cadeira que havia ao lado.

– O que achou vovô Lino?

– O seu som sempre foi ótimo, Matheus. Perfeito, por isso faz tanto sucesso.

– E essa Bloodthirsty Metal? O que achou? Os truques deles são demais.

– Mantenha distância dessa banda – disse o velho roqueiro, de forma tensa.

– Ah, vovô. Está achando que era verdade? Eles fingem que são vampiros para chamar atenção.

Nas trevas – Amizade Vampíresca

– Não sei, não! Não gosto disso. Pra ser um bom roqueiro o que importa é a música. Ela é que tem que ser o espetáculo.

– Ah, mas essas coisas são legais, dão um tempero no espetáculo. Como as apresentações de Ozzy Osbourne.

– James Douglas Morrison, Jimi Hendrix e David Bowie sempre fizeram grandes shows sem precisar matar nenhum animal. E não gosto de vampiros.

– Mas vampiros nem existem...

– Existem, sim – disse o velho com uma certeza que surpreendeu o jovem roqueiro.

O garoto começou a rir, rir e rir, até que olhou a seu avô e percebeu que ele estava muito sério. Parou de rir e olhou para seu avô.

– O senhor acha que existem vampiros?

– Eu não acho, eu sei que eles existem – disse o velho roqueiro surpreendendo outra vez o jovem. Vendo o olhar descrente do rapaz, o velho continuou: – Vou lhe contar uma história que aconteceu comigo quando eu era jovem. Preste atenção.

Capítulo 1

Um Amigo Vampiro

Lino continuou a narrar para seu neto: Nos anos cinquenta, acho que era 1957, não lembro direito a data, eu e mais quatro amigos fomos num show de *rock'in roll*, no ginásio da escola onde estudávamos. Foram vários conjuntos que tocaram. Não chamávamos de bandas e éramos revolucionários, porque o *rock'n roll* era uma novidade. Foi à noite, mas não pela madrugada, como os shows de hoje. Terminou pelas 22 horas. Eu tinha 15 anos, era magro como hoje, tinha cabelos curtos, pretos, e olhos castanhos. Marcos tinha 16 anos e era branco, de cabelos louros e olhos negros. Júlio, 17, era negro. E Zigfried, 15, era branco, de cabelos negros e olhos azuis. Zigfried Gerhardt era de origem alemã, por isso tinha esse nome esquisito, mas nós o chamávamos de Zig. O mais novo era meu irmão Michel, de 13 anos, que era como eu, branco, de cabelo preto e

olhos castanhos. Minha irmã Madalena foi nos buscar ao final do show. Ela também era branca, de cabelos ondulados negros longos e olhos castanhos. Era uns 10 anos mais velha que eu. Ela tinha um fusca. Parou na frente do ginásio da escola. Quando entramos no carro, lotou com quatro. Zig foi o último a tentar a entrar no carro e não conseguiu.

Minha irmã ficou preocupada e disse:

– Prometi a seus pais levá-los para casa.

– Não se preocupe comigo, Madalena – disse Zig. – Pego um táxi.

– Não! – teimou minha irmã. – Você vai ficar aqui e me esperar. Em meia-hora estarei de volta. Não é muito tarde. E tem bastante policial cercando a escola.

Zig aceitou:

– Tudo bem!

E fomos embora. Minha irmã deixou cada um de meus amigos diante as suas casas, depois me deixou. Fui logo dormir. Todos éramos vizinhos e morávamos na mesma rua. E minha irmã retornou a escola para buscar Zigfried.

Cerca de umas quatro horas depois, minha irmã chegou em casa. Entrou em meu quarto e me acordou. Estava apavorada.

– Quando cheguei na escola: Cadê o Zig? Ele sumiu – disse ela.

– Como sumiu?

– Não estava mais lá! Aliás, ninguém estava. Todos tinham ido embora. Até a polícia. Fiquei um tempo com o carro estacionado na frente da escola. Pensei que pudesse ter ido ao banheiro da escola, mas daí até a escola fechou completamente. Estranhei. Andei pela redondeza e nada.

– Quer ver que ele pegou um táxi e foi pra casa – acalmei-a. – Quem sabe vai a casa dele e pergunta se ele chegou – naquele tempo não tínhamos telefone celular para ligar para ele.

Minha irmã não gostou da ideia:

– E se ele não estiver lá? Pode ter acontecido algo. O que digo pra mãe dele?

– Ah, calma Madalena. Com certeza não aconteceu nada. Zig já deve estar dormindo. Amanhã a gente fala com ele. Não pense besteira.